

UM ENSAIO VISUAL  
SOBRE O OFÁ  
DE ODÉ NA OFICINA  
FRANCISCO BRENNAND

Bruna Alves de Lima  
FOTOS: Gabriel Silva



# ARTES, MUSEUS E ANTROPOCENO MÓDULO II

**COORDENAÇÃO** Jamille Barros  
Camila Santos  
Ariana Nuala  
Gleyce Kelly Heitor  
Henrique Falcão  
Nayara Passos

**ORIENTADOR** Hugo Menezes Neto

**INTERLOCUTORES** Alexandro Silva de Jesus  
Ana Cláudia Rodrigues  
Camila Santos  
José Jorge de Carvalho  
José Marcelo Marques Ferreira  
Rita Vênus

**BOLSISTAS RESIDENTES** Bruna Alves de Lima  
Paula Miréia Ramos de Oliveira

**REVISÃO** Maria Cecília Villanova  
Whodson Silva  
Boneca Lab

**DIAGRAMAÇÃO** Filipe Aca

# UM ENSAIO VISUAL SOBRE O OFÁ DE ODÉ NA OFICINA FRANCISCO BRENNAND

Bruna Alves de Lima

FOTOS: Gabriel Silva

## SESSÃO 1. A OFICINA PELA ÓTICA DO OFÁ DE OXÓSSI

Começo este ensaio a partir do meu lugar dentro dele, enquanto uma mulher negra, de candomblé, universitária, visualizando um símbolo do candomblé em uma instituição museal, a Oficina Francisco Brennand. Havia o desejo de falar sobre macumba e outros temas ligados à cultura afrobrasileira, mas não queria ser vista como uma cientista social que apenas discute tais questões, quando, na verdade, sou uma imensidão de coisas e posso debater sobre diferentes assuntos acadêmicos. No entanto, honrando a minha ancestralidade, começo essa sessão a partir de um movimento de retomada – retomada da narrativa do meu povo, dos símbolos de gente como eu, que vem do mesmo lugar –, fazendo da pesquisa o próprio instrumento de acesso a outras pessoas negras neste universo. Não acredito que um ensaio visual reparará por completo as assimetrias históricas, mas acredito ser necessário os primeiros passos. Segue, portanto, um ensaio visual sobre o Ofá de Oxóssi na Oficina Francisco Brennand, com cinco sessões interconectadas. As reflexões escritas atravessam e dialogam com as fotos registradas por meu irmão, Gabriel Silva, com minha supervisão e participação direta.



Foto 1: O Ofá de Oxóssi abre alas.

Em quase todas as obras de Francisco Brennand está a sua assinatura, um símbolo ou marca, consolidada com o tempo: o Ofá de Oxóssi. A proposta deste ensaio é trazer uma perspectiva visual e reflexões sobre a ocupação da Oficina Francisco Brennand por esse símbolo religioso. Durante meu processo de pesquisa, enquanto bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia (FACEPE) do projeto “Artes, Museus e Antropoceno”, executado na Oficina, refleti sobre a força do Ofá de Oxóssi como marco identificador da obra e do espaço, rompendo barreiras simbólicas da perseguição da fé afrodiaspórica, derivada diretamente do povo preto, em um espaço de consagração artística cuja narrativa se ancora na pluralidade das referências culturais e ontológicas





Fotos 2, 3 e 4: Tríade fotográfica – A Oficina pela ótica do Ofá de Oxóssi.

## SESSÃO 2. O OFÁ NAS PAREDES DE BRANCOS

Durante a pesquisa fiz entrevistas com Pai Marquinhos de Osun, do Ilé Asé Oromiwa; Mãe Janielly de Osun, da Egbé Omo L'omi; e Dofona Lua de Nanã, Iyakekerê, também da Egbé Omo L'omi – ambas casas de axé pertencentes à tradição Ketu, propositalmente escolhida por ser a linha na qual Oxóssi é tido como patrono. Esse material oferece uma perspectiva candomblecista sobre o símbolo que pertence ao povo de terreiro.

**BRUNA:** O senhor já sabia que ele (Francisco Brennand) usava o ofá como assinatura?

**PAI MARQUINHOS:** Eu sou de candomblé há mais de 30 anos. A partir do momento que eu vim dar conta de saber quem é Francisco Brennand, eu vi aquele ofá e aquele símbolo me despertou para saber se ele era adepto de religião de matriz africana. Na

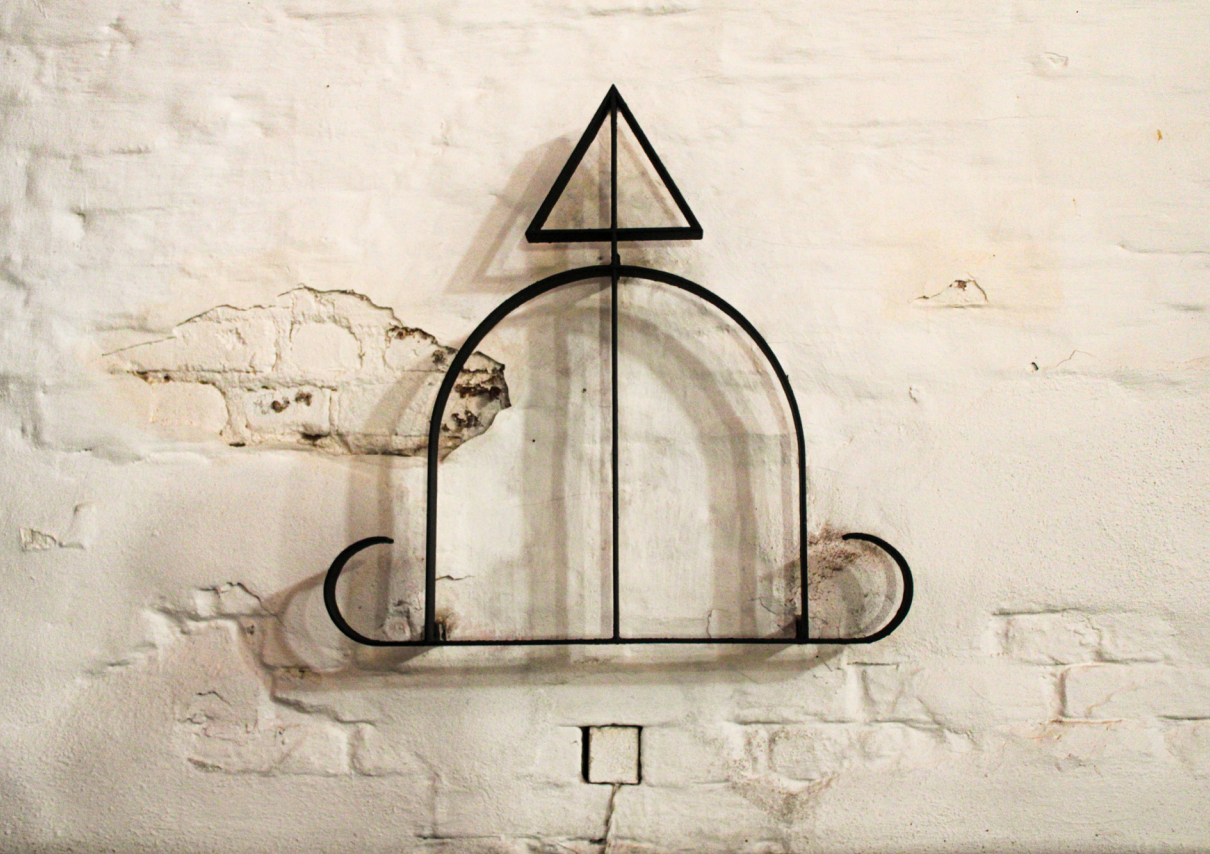


Foto 5: O Ofá nas Paredes Brancas I.

realidade, de saber o que que ele era... Inclusive, aquilo me passou a ilusão de ele ser de Oxóssi, pelo símbolo do ofá, porque ele usa tanto, e ele usa bem aquele símbolo antigo do ofá, que tem aquela curva.

Em paralelo, a pesquisa, como seu título anuncia, impõe a discussão sobre o Antropoceno. Assim, as visualidades e escritos aqui partem da associação entre as noções de Antropoceno e epistemicídio como indissociáveis. A destruição do planeta pela ação humana nos leva, a partir do pensamento de Sueli Carneiro (2023), a entender a invisibilidade dos pensamentos e símbolos de pessoas negras. O Ofá de Oxóssi, nesse sentido, tem muito a demarcar, ocupando um espaço de legitimação de epistemologias, narrativas e símbolos não ocidentais, tal qual sugere a obra brennandiana. O Ofá ocupa paredes brancas e de brancos.



Foto 6.: O Ofã nas Paredes Brancas 2.

Foto 7.: O Ofã nas Paredes Brancas 3.





Foto 8: O Ofá nas  
Paredes Brancas 4.

Foto 9: (À) Sombra  
da obra.



## SESSÃO 3. DAS PORTAS ÀS MATAS. A PROTEÇÃO E A CAÇA.

Oxóssi, dizem as entrevistadas, é a divindade do candomblé a quem foi conferido o título de Odé – o maior entre todos os caçadores – por ter a flecha certa. Na cultura yorubá, é o caçador de uma flecha só, orixá das matas, da caça e da fartura. Oxóssi utiliza-se de um Ofá (arco e flecha), é ele quem traz a fartura para a mesa de quem o cultua. Dentro do candomblé, especificamente na tradição Ketu, Oxóssi é o rei, todos aqueles ligados à tradição têm com ele uma ligação e o respeitam. Um Orixá conhecido por seu temperamento forte e rígido, que faz morada nas matas, e por isso alguns o associam à noção de protetor das florestas e também dos animais. Sem ele não teríamos força para caçar nossos objetivos, não teríamos a fartura da colheita, e todos os outros benefícios da mata.

Segundo ensinamentos religiosos repassados dentro da Egbé Omo L'omi, o Ofá de Oxóssi origina-se da lança, criada por Ogum, seu irmão, e posteriormente aperfeiçoada com o arco pelo orixá caçador. Liturgicamente o Ofá representa a fartura e a proteção, como um amuleto, é o que tira a fruta do pé e traz para a mesa, como também é a flecha que abate um animal para alimento de toda uma comunidade, ensinamentos repassados dentro do terreiro que componho. No Brasil, o arco e a flecha também são associados aos povos indígenas, por isso estes símbolos se fazem presentes nas religiões compostas por liturgias indígenas, como a jurema e a umbanda, sendo assim, no contexto nacional, o arco e a flecha remetem à cultura de povos historicamente subalternizados e desumanizados.



Foto 10: Da proteção das portas à proteção das Matas 1.

Foto 11: Da proteção das portas à proteção das Matas 2.





Foto 12.: Matas,  
portas e portais.  
O Ofá é proteção.

Foto 13: Cerquemonos do Ofá. Oxóssinos cerca.



## SESSÃO 4. OXÓSSI CONSTRÓI MORADA NO MUSEU.

O Antropoceno, entendo aqui, diz muito mais do que a destruição do ambiente ou da tragédia minimizada pela expressão “crise ambiental”. Idealizada por parte de intelectuais das ciências ligadas à geologia (embora não seja uma unanimidade entre geólogos/as e nem um marco geológico oficial), é recuperada pelas ciências humanas para pensar também a falência da capacidade de viver e respeitar a diversidade cultural e suas formas de ser, existir e entender o mundo. Estamos falando exatamente da destruição de culturas e epistemes diversas e não brancas (Haraway, 2022; Ferdinand, 2022), especialmente potencializada pelo mau encontro colonial (Jesus, 2022), uma vez que o colapso ambiental, nos termos de Latour (2022), atinge prioritariamente não brancos, mulheres, pessoas LGBTQIA+ e outras minorias sociais.

É sabido que, historicamente, a partir da escravização e marginalização da fé afrodiáspórica, o candomblé é perseguido e reprimido. A sociedade colonizada age de forma violenta quando tais manifestações exibem com orgulho suas relações simbólicas africanas ou indígenas. Os povos tradicionais de terreiro, as pessoas negras que o integram, lutam pelo direito de professar e expressar sua fé no país constituído de forte racismo religioso e cuja a história foi forjada pelo extermínio de epistemes e culturas não brancas. No entanto, seus símbolos podem sobreviver ao epistemicídio<sup>1</sup> também em espaços como um museu sem sanção social. Está em jogo na experiência do Ofá de Oxóssi na Oficina Francisco Brennand: a) A preservação crítica de símbolos importantes em um espaço de conteúdos e narrativas inscritos em culturas diversas; b) A resiliência dos povos que há muito vivem no antropoceno (na destruição de seus mundos e de suas culturas) e agora expõem suas questões nos museus; c) O império de Oxóssi, que define por si onde constrói morada.

---

<sup>1</sup> Pra Sueli Carneiro (2005:97): “O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo”.

O Ofá de Oxóssi está em todo lugar, espalhado por onde se vê e por onde se anda, na fruição e na sustentação do espaço; na proteção e na contemplação; na vida cotidiana do museu e na morada final de Francisco Brennand.\

Foto 14: A força do chão que se pisa l.





Foto 15: A força do chão que se pisa 2.

Foto 16: A força do chão que se pisa 3.





Foto 17: A delicadeza dos pequenos detalhes 1.

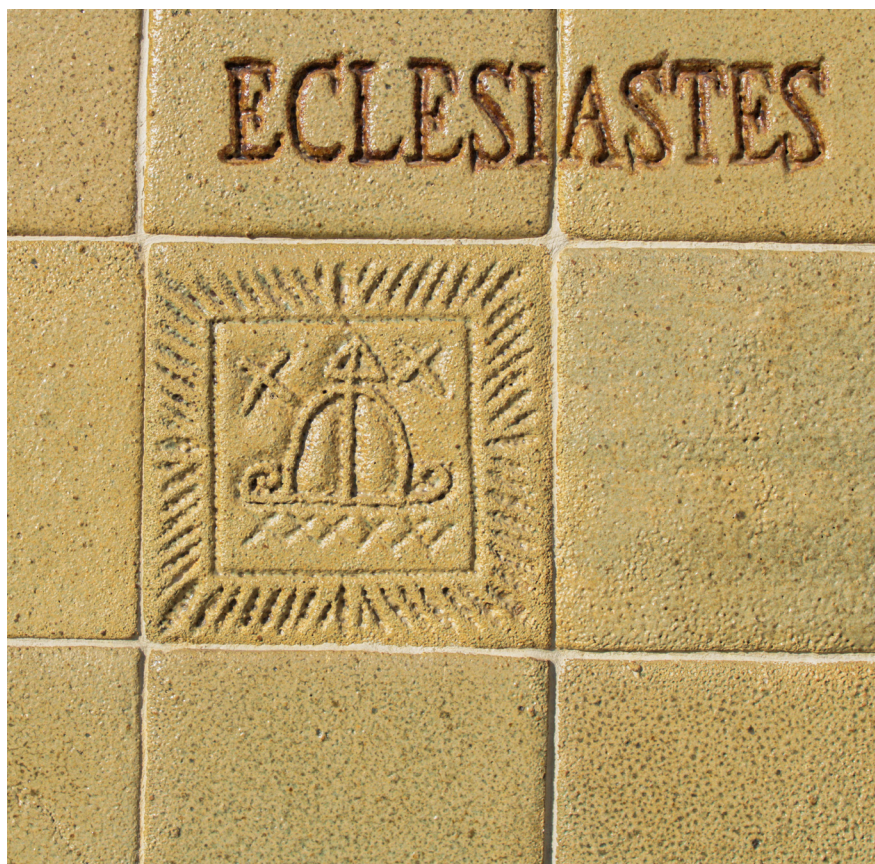


Foto 18: A delicadeza dos pequenos detalhes 2.



Foto 19: O Ofá que demarca, Ofá para contemplar 1.

Foto 20: O Ofá que demarca, Ofá para contemplar 2.





Foto 21: O Ofá de Oxóssi na última morada de Francisco Brennand.

## SESSÃO 5. OFÁ: A ASSINATURA E O REENCONTRO

Quando conheci a Oficina Francisco Brennand e suas obras, ainda não tinha contato com a religião de matriz africana, ainda era adolescente. Ao revisitar, após anos, e já uma mulher de terreiro, a primeira coisa que avistei, antes mesmo das obras de arte, foi o Ofá, por já ter um contato e vínculo afetivo com aquele símbolo. Assim percebi o quanto o símbolo expressa e atrai os observadores de forma quase que magnética. Esse é o poder do símbolo. Ele, dentro da Oficina, é a assinatura do artista, a marca do espaço e a identidade visual, sem deixar de ser símbolo religioso para pessoas como eu, que o reencontrei sendo candomblecista. Eu o reconheço em qualquer local.

A Oficina busca trazer informações sobre o Ofá – de sua dimensão religiosa, mítica e litúrgica – do ponto de vista de Francisco Brennand, respeitando a integri-



Foto 22: O Ofá que representa Brennand I.

dade cultural do símbolo tanto para a história da instituição quanto para a religião. Assim, a equipe do educativo do museu busca explicar o que é o Ofá e qual é a sua origem, informando que essa assinatura recorrente nas peças está ali mas não nasceu ali; é bem-vinda, mas aquele não é o seu local de origem.



Foto 23: O Ofá  
que representa  
Brennan 2.



Foto 24: O Ofá  
que representa  
Brennan 3

Foto 25: O Ofá  
que representa  
Brennand 4



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós, do candomblé, formamos nossas crianças vivendo sempre em comunidade. Aprendemos como respeitar a floresta para poder fazer parte e se alimentar dela vendo Oxóssi dar rún (dançar) com um Ofá na mão. O Ofá é o material que ensina a viver em comunidade e ser sábio diante dos desafios. Para nós, candomblecistas, é a partir desses símbolos e representações que aprendemos como viver, e isso constitui a personalidade de cada um e o olhar para o mundo.

Por isso, cultuo o Ofá neste ensaio, para que mesmo ocupando outro espaço, como a Oficina Francisco Brennand, que em nada se assemelha aos espaços de comunidades tradicionais de terreiro, ele se relacione com os povos responsáveis por cuidar das matas. Falo do povo negro, nós, que historicamente buscamos cultivar os saberes ancestrais e o ambiente. Salve Oxóssi e seu Ofá, onde quer que ele esteja.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Igor. Ocupa Oficina: contribuições epistemológicas para uma abordagem crítica do Antropoceno. *Artes, Museus e Antropoceno*. Disponível em: [https://oficinafranciscobrennand.org.br/wp-content/uploads/2024/05/OCUPA-OFICINA\\_Igor-Guilherme-Carneiro-da-Silva.pdf](https://oficinafranciscobrennand.org.br/wp-content/uploads/2024/05/OCUPA-OFICINA_Igor-Guilherme-Carneiro-da-Silva.pdf) Acesso em: 13 abr. 2025.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. *Environmental Humanities*, vol. 6, 2015, pp. 159-165. Disponível em: <https://environmentalhumanities.org/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

JESUS, Alexandro. *Notas sobre a atualidade da ferida colonial*. Recife: Titivillus, 2022.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/87702>.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MENEZES NETO, Hugo; COSTA, Sue. O Antropoceno no Museu do Amanhã (RJ): perspectivas críticas à exposição de longa duração. *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*. (Unirio I MAST), vol.12, nº 1, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/  
PISEAGRAMA, 2023.



## MANTENEDOR

---



Grupo Cornélio Brennand

## PATROCÍNIO

---



## APOIO

---



## PROJETO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA

---



## REALIZAÇÃO

---

MINISTÉRIO DA CULTURA

